

Propugnou por harmonia com bases na melhoria das relações obreiro-patronais, para referir-se logo ao tema dos sindicatos como pessoas jurídicas de Direito Social, com caráter público; e em conclusão sustentou que a disciplina do Direito Social é tão ampla e importante que, no futuro, o Direito deverá ser dividido em Público, Privado e Social, pois este último é distinto dos anteriores, em que pése participar de ambos.

Em sua interessante exposição sôbre a evolução do Direito Social Brasileiro, o DR. ANTONIO FERREIRA CESARINO se dedicou a fazer estudo exaustivo do tema, mas limitando-se à etapa que compreende os últimos vinte e cinco anos, pois, em seu coiceito, foi o finado GETULIO VARGAS o verdadeiro criador do Direito Social em seu país.

O distinto cientista, ao concluir sua dissertação, foi larga e calorosamente aplaudido pela numerosa assistência.”

### **O PROFESSOR WALDEMAR FERREIRA HOMENAGEADO PELA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS:**

Em sessão solene realizada no dia 9 de maio de 1955, na sala do Estudante, tomou posse a nova Diretoria da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo. A nova Diretoria daquêle instituto ficou assim constituída: Roberto Victor Cordeiro, presidente; Francisco Emygdio Pereira Neto, vice-presidente; Armando Marcondes Machado Jr., secretário-geral; Frederico José da Silva Ramos, 1.º secretário; Luiz Carlos Pereira Barreto, 2.º secretário; Silvio de Campos Mello Filho, 1.º tezozeiro; Augusto Cesar do Nascimento Neto, 2.º tezozeiro. Durante a solenidade, foi prestada homenagem ao Professor Waldemar Ferreira, Catedrático de Direito Comercial do Curso de Bacharelado e de História do Direito Nacional, do Curso de Doutorado, que, atingindo, neste ano, o limite de idade, deverá aposentar-se, deixando o convívio dos moços do Largo de S. Francisco.

À Mesa que dirigiu os trabalhos tiveram assento altas personalidades, tendo usado da palavra, em nome da Diretoria eleita, o dr. Roberto Victor Cordeiro. Em seguida, procedeu-se à homenagem, que se efetuou num clima de amizade dos estudantes pelo Mestre que se despedirá das Arcadas.

Assim discursou o Dr. Roberto Victor Cordeiro:

“Se os títulos exigidos para merecer este posto que agora me é confiado, de presidente da Associação dos Antigos Alunos

da Faculdade de Direito de São Paulo, fôsem os decorrentes do mérito e do relevo intelectual obtido no seio da classe a que pertencemos, seria eu o último a desejar ocupá-lo, tão compacto sinto em tôrno de mim êsse friso de valores gerados por êsse seminário da cultura jurídica e política do país que é a nossa Faculdade.

Mas se para ascender a esta culminada representativa, o título preeminente é o do amor e o da dedicação pela Academia e pelo seu espírito, eu o reivindico e ocupo esta cadeira com orgulho, pois nunca admiti ascendências ou superioridades neste campo do fervor e do respeito às velhas Arcadas.

De qualquer forma, porém, é com emoção que recebo neste instante, das mãos do Senador Cesar Vergueiro — o mais “ex-aluno” de nós todos, pela fidelidade com que cultivou na vida social e pública êsse espírito de cordialidade e de camaradagem que é característico da Academia — é emocionado que recebo as responsabilidades e as honras desta presidência, nobilitada pela presença de grandes nomes que a ocuparam.

Esta Associação, nascida para defender o passado e o presente da Academia, já tem, ela mesma, um passado a defender e um presente a afirmar com obras e realizações, 25 anos, um quarto de seculo, já é um segmento respeitável de tempo. Esta a data que comemoraremos o ano próximo, e para cujas festas desde já convocamos os nossos sócios. Não é *um quarto centenário*, como foi da nossa querida cidade, mas é pelo menos *um quarto de centenário*, e esta simples aproximação fonética já nos envaidece.

Esta Associação é o “XI de Agôsto” dos bacharéis. O seu sentido, porém, além do da defesa da classe acadêmica e das necessidades práticas da Academia, que é a principal missão do “XI de Agôsto” dos bacharelados, é o de afirmar o espírito da Academia e não sómente a eternidade do seu corpo.

Ora, o que é o espírito da Academia? Esse espírito deixou, há mais de um século, de ser uma mera aspiração. O espírito da Academia foi concretizado na atitude assumida por ex-alunos das Arcadas no cenário da vida brasileira, no segundo império e em tôda a história da República. Se na respiração política de RUY delimitando os contornos do respeito à liberdade e ao direito, no campo da vida pública do Brasil; se no sonho de RIO BRANCO, dando eternidade à nossa geografia continental; se na capacidade administrativa de RODRIGUES ALVES, CAMPOS SALLES e PRUDENTE DE MORAES, fundadores no nosso govêrno do tipo republicano; se na postura humana de um JOAQUIM NABUCO, de um RANGEL PESTANA, de um TEOFILO OTONI, de um AFONSO PENA, de um BRASÍLIO MACHADO, de um ALTINO ARANTES, para só citar poucos exemplos; se na pregação

docente que brotou da fonte de CRISPINIANO, de CARRÃO, de RAMALHO, de BROTERO e de JOSÉ BONIFÁCIO, e foi alimentada por gente da fibra de JOÃO MENDES, PEDRO LESSA, ALCANTARA MACHADO e WALDEMAR FERREIRA, para só também apontar alguns nomes entre tantos, se, de tôdas essas manifestações, extraímos um espírito que lhes é comum, um sentido de comportamento individual e uma ética pública, não estaremos fazendo outra coisa senão definir o espírito da Academia.

E é esse espírito que cabe ser explicado e afirmado por esta Associação. E mais do que nunca, como neste instante, em que, ainda uma vez, a árdua experiência democrática brasileira, incentiva as cassandras do pessimismo nacional, engrossadas pela legião dos inconsciêntes e dos novidadeiros, para formar o côro dos que descreêm da sorte do regime.

Um regime não é dado pronto a nação alguma. Ele é fruto de uma interação entre povo e país, entre realidade e fórmula, entre aspiração e instituição, o destruir o corpo porque seus órgãos estão doentes, apesar de sabermos a terapêutica aplicável, é a clínica dos charlatães da anarquia e da confusão.

Parece-nos que a mensagem da Academia não mudou. Ela quer que o país viva na liberdade e sob a disciplina da lei. Os dois têrmos da mensagem, que na voz e nos ensinamentos da Academia se perpetuam, são incontestavelmente a liberdade e a lei. A liberdade como elemento de progresso, como condição de iniciativa e renovação, e a lei como fator de segurança, como realização da justiça no sentido de dar a cada um o que é seu.

Dêsse consórcio da liberdade com a lei, é que há de resultar a ordem conveniente a homens livres e não escravos, a ordem constitucional como a consagra a experiência da vida democrática, isto é, o poder do Estado limitado pelo direito, e os direitos e deveres dos cidadãos disciplinados pela lei. Cada país terá necessariamente de viver sua experiência política porém nenhum resultado feliz de tal experiência se logrará se os individuos não collocarem a serviço dos ideais, que os guiam, as virtudes da inteligência e as determinações do caráter.

Nada acontece no campo político e social sem o decisivo concurso das vontades individuais.

Para que exista democracia, é necessário, antes de tudo, que cada um de nós seja um verdadeiro democrata. Para que o teor da vida nacional seja elevado, mister se faz que cada um de nós cumpra honradamente suas obrigações cívicas.

Mas o dever de ser verdadeiro e correto, o dever de não faltar à vida nacional com as manifestações de vontade, de caráter, de espírito público, êsse dever recai de maneira muito especial sôbre as elites, sôbre as classes dirigentes, sôbre os governantes.

Não há nação que possa prescindir de uma liderança intelectualmente esclarecida e moralmente capacitada. As crises são sempre agravadas pela falta ou pela má qualidade da liderança de que o país dispõe. A reconstrução, a recuperação, a prática leal das instituições, o exercício dos mandatos representativos, tudo se ressentem e caem de nível quando a liderança das classes dirigentes não está à altura da missão que deveriam desempenhar, porque falta à generalidade ou à maioria dos indivíduos, que compõem essas classes dirigentes, aquela dose de espírito de sacrifício, de dedicação à causa pública, de preparo moral e intelectual indispensáveis ao bom andamento da vida nacional.

Homens formados sob as influências do direito, homens de vocação jurídica, nós, antigos alunos da mais antiga Academia jurídica do país, temos também nosso papel a desempenhar no conjunto da vida paulista e brasileira. Esse papel afigura-se-me ser, antes de tudo, o de concorrer com nosso esforço, com nossa vontade e nosso caráter para que o nível da liderança nacional não se abaixe, mas antes se mantenha nas alturas indispensáveis à missão que lhe é atribuída.

Nossa Associação constituiu-se, pela sua natureza, um centro especialmente dedicado ao cultivo daquelas qualidades, que convertem o indivíduo num elemento militante e ativo da vida pública nacional.

Tomando como ponto de referência, a velha Faculdade, a alma-mater, nosso pensamento não pode deixar de elevar-se até tornar-se um pensamento político, isto é, um pensamento preocupado com o bem comum.

Temos como prova desse pensamento que se faz instrumento do bem comum, do pensamento que se imolou ao exemplo democrático, à vigilância diuturna em prol da liberdade política no Brasil, temos como arquétipo humano que a Academia oferece neste instante ao Brasil, o nome de WALDEMAR FERREIRA, que este ano deixará a cátedra, para figurar ao lado dos seus filhos mais ilustres, como um dos que mais a honraram e mais conseguiram traduzir em atos e atitudes, na vida particular e na vida pública, a eternidade do espírito das Arcadas, irrompido há mais de um século, na humanidade do velho burgo provinciano.

Homenageando WALDEMAR FERREIRA, o ímpoluto, o intemerato, o que fez do amor à liberdade e ao direito uma teimosia sagrada, estamos ilustrando, com uma eloquência que as palavras não ousam competir, a missão que cabe a nós todos exercer e o caminho que deve ser a meta desta nossa grei associativa.

Saudando o corpo docente na pessoa do diretor BRAZ DE SOUZA ARRUDA, e agradecendo a presença das autoridades, de alunos e ex-alunos, dou testemunho, em meu nome e dos meus colegas de diretoria, do desejo que nos anima de poder, à frente da Associação, servir ainda uma vez à Academia e à nossa terra.”

Proferiu em seguida o Professor MOACYR DO AMARAL SANTOS estas palavras:

“Antigo” se traduz por “velho”, em oposição a “novo”. Com êsse sentido entenda-se o vocábulo na denominação “Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo”. Associação de alunos antigos, como dos novos o é o Centro Acadêmico XI de Agosto. De estudantes ambos, que se diferenciam pelo tempo em que estão na escola. Não fôsse isso não se compreenderia a estudantada dos velhos, criando o contraste shakespearano desta cena, na qual a honraria é de quem saúda não de quem é saudado. Porque, em verdade, estou como o sapo da fábula, que se inchou, tão entumecido me fizeram os companheiros com me lançarem como seu intérprete nesta festa em homenagem a um dos mais distinguidos padrões da gente de Piratininga — o prof. WALDEMAR FERREIRA. Para que do confronto não espouque espontâneo e inevitável o riso, manda a caridade que o homenageado, percebendo o grotesco em que me encontro, desça ao menos uns degraus do pináculo em que paira.

Mas não seria um paradoxo acudir o festejado a tal súplica, quando todos o querem nas culminâncias e por nelas merecidamente achar-se é que os colegas lhe prestam estas homenagens?

Dêstes contrastes está cheia a vida, quando nela se não veja a sua própria resultante: contrastes de sexos, de côres, de raças, de idades; de luz e calor, de sóis e noites, de himalaías e profundezas oceânicas; de amôr e ódio, de liberdade e escravidão, de abundância e miséria, de idéias e sentimentos que se elevam aos céus ou se aprofundam nos infernos. E' no fluxo e refluxo de coisas e fenômenos, de espírito e matéria, de bênçãos e infortúnios, que se faz o homem, expressão máxima da Criação, é que é animal e ao mesmo tempo imagem de Deus.

Não será essa a explicação dos povos, em dados tempos e lugares, erigirem ídolos um ALEXANDRE, um MAHOMET, um JÚLIO CESAR, e, noutros tempos e lugares, venerarem NAPOLEÃO ou KANT, SÃO FRANCISCO DE ASSIS ou ERASMO, ou, ao mesmo tempo e conforme os lugares, aplaudirem ali a escravidão e aqui a liberdade, HITLER e CHURCHILL?

Não estará aí a razão por que contrastes feitos homens concomitantemente idealistas e bandidos, salteadores e policiais, revo-

lucionários e chefes de govêrno, ocuparam as épocas, encheram a História, até como fundadores de pátrias?

Fôrças em sentido contrário físicas ou morais, atuantes e necessárias na formação da energia que faz caminhar, altear a voz, levantar os braços; ação e reação que, ao invés de se conterem, se interpenetram e geram virtudes e vícios, inseperáveis quantas vêzes; anjos e demônios, ora pondo o bem em perigo ora o mal ameaçado, compelindo a elaboração dos códigos penais, que, se sistematizam os delitos e as penas, deixam, entretanto, impunes, porque olvidados ou desconhecidos crimes imundos contra Deus, a sociedade e os próprios individuos; tudo isso, tôda essa harmonia de risos e lágrimas — a Sociedade das Nações e experiências de bombas atômicas, govêrno e oposição, felizes e desgraçados, ritmos de valsa e estridulos de féra, encoraja, arma e consolida os mártires e os heróis, os santos e os sábios, os senhores das cousas e os condutores de homens, os grandes homens enfim.

Grandes homens — têma de conceituação difícil. Assinalam-se pelas ações, que os tornam virtuosos. Mas lembrando La Rochefoucauld, e outros moralistas repetindo, que só os grandes homens têm grandes defeitos, não seria demais admitir também os houvesse pouco agraciados de virtudes. Depois nada mais movediço que o critério de seleção, condicionado ao tempo, ao espaço e ao ângulo em que se põe o observador. Grandes para MONTAIGNE, foram HOMERO, ALEXANDRE e EPAMINONDAS, mas MONTAIGNE, que não olvidou JULIO CESAR, não conheceu NAPOLEÃO, e tão grande quanto fesses se apontam SCHAKESPEARE, CAMÕES e DANTE, e não menos ilustre CICERO e GROCIO, PASTEUR e EDISON, de características as mais diversas. Não foram grandes FEIJÓ, RUY, RIO BRANCO, no cenário nacional, e, para nós, paulistanos, o pequenino e humilde PADRE CHICO? Impossível reuni-los e compreendê-los numa fórmula, que a todos se aplique, pois as arestas próprias dos homens destacados se extravasariam das linhas que tentassem comprimi-los.

Quereis a prova? Eis um grande homem — WALDEMAR FERREIRA. Seria impossível defini-lo e, entretanto, êle aí está com sua vida e suas obras, de todos nós sobejamente admiradas, uma e outras justo orgulho dos seus amigos da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo. Não há jeito de vê-lo por um dos seus aspectos, só por dentro ou só por fora, de frente ou de perfil; tem que ser visto por inteiro, tal qual é, na simbiose do homem e do cidadão, do advogado e do político, do cientista e do professor, porque tudo nele se mistura e se conjuga íntima e indissociavelmente, na formação de uma personalidade compacta, original e única, a imprimir às suas ações, no seio da sociedade

a que serve com desvêlo, tom e direção que justificam a lei moral de KANT.

Herdeiro de brava estirpe, mais WALDEMAR FERREIRA a dignificou, sagrando-se um bravo na luta contra as asperezas da vida, em conquista de um lugar ao sol esgrimista ferrenho nas contendas forenses, em que breve se fez perito, dono de clientela seleta e vasta; devorador de livros e ávido de ciência, transportando montanhas para transmiti-la e ensiná-la da cathedra, onde ninguém o superou; fiel aos ideais políticos acalentados desde os tenros anos, na porfia dêles comandando batalhas inesquecíveis. Venceu sempre e em tudo, não obstante as muralhas que teve de destruir. Venceu sempre e em tudo, graças á confiança nos próprios méritos, á perseverança sem limites e á coragem de quem não teme distâncias, tropeços, arreganhos, adversidades.

Edificou um lar arejado, alegre e próspero, de muitos filhos, que é tenda onde não entra tufão, e á sombra do qual, contam vozes indiscretas, se faz mais criança que os netinhos em penca, seu divertimento predileto. Mas aí também abriu varandas, onde fala e ouve os amigos e companheiros, e instalou a biblioteca selecionada, transmissora da cultura e filosofia que, recomendando-o àqueles, o tornaram profissional de elite e professor cuja superior reputação se estende além fronteiras. Foi nesse recanto, em que se conciliam amôr e paz de espírito, ao sôpro do carinho da familia e respeito dos amigos e discipulos, que libertou as demandas mais intrincadas; e venceu o concurso de professor, com tanto dominio da matéria se postou perante os examinadores; e escreveu a extensa, variada, proveitosa e consagrada obra de jurista; e delineou paciente e conduziu seguro as mais renhidas e memoráveis campanhas pelo seu Ideal.

Um dos galhos mais opulentos, e que mais preza e do que mais se ufana, dessa harmoniosa estrutura entrou a Faculdade de Direito: professor de direito, de moral e de civismo, não se sabe em que mais perfeito, mais professor. Suas lições, assim, se entremeiam de teoria e de prática. Umas, as que tratam das ciências jurídicas, meditadas e profundas, exigem que a mocidade, que o escuta atenta, se habitue a ler e a pensar; outras, as que não prepara e não profere, e são espontâneas como lhe é o cumprimento do dever, mais profundas e singularmente eloquentes, as lições práticas, essas, repontando de suas atitudes e de seus exemplos na cátedra e mais setores de sua variada atividade, fazem-no senhor do coração e do espírito dos discipulos. Ensinando a teoria dos atos do comércio, transmite aos jovens o trabalho de sua cultura e do seu talento, mas, desassombrado, rebelando-se, na noite ditatorial que enodoou o

Brasil, contra a fôrça e a imoralidade que amesquinhavam o Direito e suprimiam as liberdades, deu aos alunos uma aula imorredoura, cujos ensinamentos se desdobraram em consequências mais proveitosas que tôdas as lições.

O magistério tem o misterioso sabor do sacerdócio para o professor por vocação. E é dos homens êste o que mais se aproxima da perfeição, porque tem necessariamente de aperfeiçoar-se sempre, o que já é virtude, visando, porém, aperfeiçoar os outros o que é virtude ainda mais estimável. Essa dupla direção dos espíritos entregues ao fascinante prazer de contribuir para o aformoseamento moral e cultural dos seus semelhantes esplende em WALDEMAR FERREIRA, que, homem de sua ciência, a que investiga até os arcanos e a que dá o sôpro vivificador dos conhecimentos novos, que a desenvolvem, não mede sacrifícios para difundi-la, apurada, límpida, modernizada. O professor sai da cátedra e, feito escritor, corre mundo, ensinando. Do *Manual do Comerciante*, há quase quatro décadas, à recentíssima, ainda cheirando à tinta, *História de Direito Constitucional Brasileiro*, sem falar de artigos e pareceres inúmeros esparsos pelas revistas especializadas e mais de congressos e conferências, contam-se dezenas de obras suas — *Da sociedade por quotas*, *Da responsabilidade civil da massa falida por culpa de seus representantes*, *Sociedades comerciais irregulares*, *Curso de direito comercial*, *Questões de direito comercial*, *As diretrizes do direito mercantil brasileiro* (série de conferências, produzidas quando no exílio, em Portugal), *Tratado de direito mercantil brasileiro*, *Código das sociedades comerciais*, *Compendio de sociedades mercantis*, *Tratado das debênturas*, *Instituições de direito comercial*, e quantas outras versando o direito comercial, e às quais se acrescentam não poucos volumes sôbre outros diferentes ramos das ciências jurídicas — *O casamento religioso de efeitos civis*, *O loteamento e a venda de terrenos em prestações*, *Princípios de legislação social e direito Judiciário do Trabalho*, obras que “pela multiplicidade dos têmeas versados, profundo senso da realidade social, originalidade e segurança das construções teóricas, fidelidade de interpretação das matérias”, constituem um dos alicerces da cultura jurídica pátria, através delas honrada no exterior, e refletem uma personalidade excepcionalmente dotada, a que se não sabe o que mais admirar, se a devoção ao trabalho a inteligência peregrina ou a pujança do jurista.

“Sou, como vós, estudantes” — dizia WALDEMAR FERREIRA, em 1925, em aula inaugural. E o era, era-o até no idealismo romântico da juventude das escolas, perenemente inconformada com a realidade material que não acompanha as realidades do espírito, e que faz do sonho instrumento das mais belas e nobres cruzadas. De



lídima formação democrática, como todos os moços do seu tempo, parecia-lhe ignóbil que numa República, no século XX, depois das clarinadas de BILAC e das apoteóticas convocações de RUY, perdesse ainda, a correr o organismo da Nação, o desinteresse dos cidadãos pelas coisas públicas, mal que inelutavelmente leva à supressão das liberdades pela submissão passiva de todos ao jogo dos poucos que se dispõem a mandar. E o mestre moço, concebendo a política, como a imaginava NABUCO, “uma espécie da cavalaria moderna, a cavalaria andante dos princípios e das reformas”, êle, que viera da Liga Nacionalista, onde se preparam os arrancos para a frente de toda uma altiva, generosa e estórica geração, representante da mocidade exponencial do saber e do civismo, posto ao lado de FRANCISCO MORATO, GAMA CERQUEIRA, REYNALDO PORCHAT, JOÃO ARRUDA, para só rememorar os mortos, professôres insignes da nossa Escola, ao apêlo de ANTONIO PRADO, reúne-se aquêles que iriam sacudir os paulistas do torpor, sob a bandeira do Partido Democrático.

Da política jamais se desvincularia WALDEMAR FERREIRA, tornando timoneiro das horas tormentosas, e que a ela entregar-se-ia com pureza de alma e como decorrência do cumprimento do dever, tanto desinteressado de elogios, estima e reconhecimento, que geralmente faltam, quanto satisfeito e bem remunerado pelo prazer inefável de prestar serviço à sua gente e à sua terra. Vêde-o revolucionário em 1930 e novamente revolucionário em 1932, ali o sonhador de reformas, aqui comandante destemeroso dos paulistas, a exigir a restauração constitucional, pagando com o exílio a gloriosa ousadia. Em 10 de novembro de 1937, líder de São Paulo no Parlamento, é dos poucos deputados federais que se arremetem, com a voz em braza de indignação, contra a Ditadura que se instaura. Banido da cátedra, preso um rol de vêzes, vigiado sempre, o político amante das liberdades, alheio ao medo, às vantagens, ao comodismo, não dá tréguas à opressão ditatorial e, reage, e consira e centraliza a pertinaz e heróica, quão pouco conhecida e hoje absolutamente olvidada, resistência democrática. Vêde-o agora, nos seus quase setenta anos de lutas incessantes. E' o mesmo WALDEMAR FERREIRA, uma das raras e autênticas expressões políticas, ereto, de pé, na mesma postura de chefe, que ninguém se atreve arrebatar-lhe, congregando companheiros de longa jornada, veteranos do Partido Democrático e do Partido Constitucionalista, e mais os jovens voluntários aliciados no caminho do sofrimento, confiante de que do cemitério das ilusões do povo ressurgirá, inteiriço o espírito cívico salvador das instituições, alimentado do idealismo e da ciência da harmonia das virtudes, que arrendará os traficantes, os néscios e os hipócritas da direção dos negócios públicos.

Toscamente bosquejado embora, eis ai WALDEMAR FERREIRA, figura singular de patriarca, cidadão e advogado, de jurista, mestre de direito e político, grande homem no mais preciso significado da expressão, a quem os amigos, seus colegas, e que são todos seus discípulos, prestam a mais carinhosa e sincera homenagem e pedem, por suas excelsas qualidades, privilegiada posição e desmedido patriotismo, continue seu guia nesta hora amarga, de desânimo, apostasias e relaxamento de costumes, que ameaçam as instituições e a República.

Levantemo-nos, Vai falar WALDEMAR FERREIRA.

Este, assaz comovido, discursou em seguida, agradecendo a homenagem que lhe foi tributada.

### OS PROFESSORES BRAZ DE SOUSA ARRUDA, MOTA FILHO E GAMA E SILVA AGRACIADOS PELO GOVÊRNO DA ESPANHA.

Em solenidade, que se revestiu de excepcional brilho, realizou-se, na sede da embaixada da Espanha, no Rio de Janeiro, a entrega das comendas com que foram distinguidos pelo govêrno espanhol os professores BRAZ DE SOUSA ARRUDA, CANDIDO MOTA FILHO e LUIZ ANTONIO DA GAMA e SILVA, ilustres catedráticos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Agraciado o professor CANDIDO MOTA FILHO com a gran cruz de AFONSO X, el Sabio; o professor LUIS ANTONIO DA GAMA e SILVA, com a comenda de Isabel, a Católica, e o professor BRAZ DE SOUSA ARRUDA, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e Presidente do Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional, com a gran cruz de AFONSO X, o Sabio, constituiu a alta distinção de que foram alvo os eminentes mestres de nossa Faculdade, o reconhecimento do muito com que vêm contribuindo aquêles professores pela intensificação das relações culturais com a Espanha.

Feita a entrega das comendas pelo embaixador Sunera, o Professor MOTA FILHO proferiu substancioso discurso, agradecendo a distinção do govêrno espanhol.

Após a cerimonia, os homenageados foram muito cumprimentados, não só na sede da embaixada, onde se reuniram figuras da maior projeção no meio social e intelectual do Rio de Janeiro, como de parte de grande número de pessoas do seu largo circulo de relações.